



## **A DEPENDÊNCIA DOS SURDOS EM ADMINISTRAR MEDICAMENTOS NO COTIDIANO: DIFICULDADES E ESTRATÉGIAS DE SOLUÇÃO**

Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha<sup>1</sup>  
Elayne Cristina Rocha Dias<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho objetiva analisar as principais dificuldades enfrentadas pela pessoa surda na dependência de outras pessoas na utilização de seus medicamentos. O artigo corresponde a uma pesquisa do tipo qualitativa, bibliográfica e de campo. Foram aplicados questionários do tipo estruturados com seis pessoas surdas. Conclui-se que muitas são as dificuldades encontradas e que muito falta para que surdos e ouvintes interajam com mais facilidade, especialmente quanto ao tema estudado, no que se revela que os principais problemas estão, primordialmente na comunicação e na falta de investimento na educação. Espera-se que o trabalho que ora se apresenta resulte em reflexões e tomadas de decisões, especialmente, no campo das políticas públicas de inclusão social da pessoa surda que alcance os seus familiares preparando-os para a interação social.

**Palavras-chave:** Medicamento, Dificuldade, Surdo, Comunicação.

### **INTRODUÇÃO**

As dificuldades enfrentadas pela comunidade surda são inúmeras. Nesse sentido, destaca-se: como o surdo administra os medicamentos necessários para sua saúde. Sabe-se que em todas as fases da vida de qualquer indivíduo, existe a necessidade do uso de medicamento para algum tipo de doença.

Essa discussão sobre administrar medicamentos vai além do acesso a saúde, pois no Brasil assim como em outros países existe uma enorme incidência com a automedicação. Dados do Conselho Federal de Farmácias – CFF (2019), demonstra que quase metade (47%) dos entrevistados se automedica uma vez por mês e 25% faz todo

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras pelo PROFLETRAS da Universidade Federal do Tocantins – UFT/ câmpus de Araguaína, angelitafontenele@hotmail.com;

<sup>2</sup> Professora Orientadora: Doutoranda em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, elaynedias2017@outlook.com.



dia ou pelo menos uma vez por semana. De acordo com o estudo a automedicação é um hábito comum a 77% dos brasileiros.

As informações do Conselho Federal de Farmácia, (2019, p 01) dizem ainda que a automedicação é “quando há o uso de medicamentos sem a avaliação de um profissional de saúde e que as consequências do uso indiscriminado de medicamentos ocorrem a longo e médio prazo”. Ainda sobre a automedicação:

1. Os analgésicos, por exemplo, não curam enxaqueca e podem até pior.
2. Antitérmicos podem mascarar algo mais graves, como uma infecção.
3. Anti-inflamatório, podem sobrecarregar os rins.
4. Uso de vitaminas só é indicado se a pessoa tiver uma carência específica e precisar de reposição.
5. Antiácido e medicamento para dor de estômago podem encobrir algo mais sério, como úlcera e gastrite.
6. Xarope pode mascarar uma pneumonia (CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA, 2019, p. 01)

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ( IBGE) feito em 2010, os dados levantados apresentam que da população totalizada em 190.755.799 (cento e noventa milhões setecentos e cinquenta e cinco mil setecentos e noventa e nove) de brasileiros, 5,1% da população possui doença auditiva, ou seja 9,7 milhões de brasileiros são surdos. Assim sendo a minoria, porém, um número significativo de sujeitos surdos.

O presente artigo, justifica-se, pelo fato da necessidade de acessibilidade da pessoa surda quanto a informação desde o momento em que consegue uma consulta, passando pela farmácia até tomar o medicamento. Do exposto procuraremos responder o seguinte problema: Quais são as dificuldades encontradas pelas pessoas surdas na aquisição e no uso adequado do medicamento?

Dessa forma, temos como objetivo geral analisar as principais dificuldades enfrentadas pela pessoa surda na dependência de outras pessoas na utilização de seus medicamentos. Os específicos constam: elencar as dificuldades encontradas pelas pessoas surdas na utilização de medicamentos; apontar as estratégias adotadas pelos surdos na utilização de medicamentos e identificar as possíveis demandas sugeridas pelas pessoas surdas para melhorar o processo de comunicação.

Realizou-se uma pesquisa do tipo qualitativa, bibliográfica e de campo com a aplicação de questionários com seis (06) pessoas surdas. Essa metodologia, considera-se



a perspectiva sócio histórica, valorizando os aspectos descritivos e as percepções pessoais, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, também o contexto no qual estão inseridos. Dessa forma, adota-se a perspectiva de totalidade que conforme André (1995), leva em conta todos os componentes da situação em suas interações e influências recíprocas.

Este artigo, está estruturado em cinco tópicos: introdução; metodologia; dificuldades enfrentadas pelos surdos na comunicação social com pessoas ouvintes; resultados e discussão e as considerações finais.

## **METODOLOGIA**

A metodologia desenvolvida durante a pesquisa consta do tipo qualitativa, bibliográfica e de campo. Para maior aprofundamento dos dados e em busca de respostas para a problemática, realizou-se a aplicação de questionários com seis (06) pessoas surdas (três alunas de Ensino fundamental com deficiência auditiva, residentes de uma cidade do interior do Maranhão, e três estudantes da Universidade Federal do Piauí).

As categorias propostas durante o questionário consiste em: Dificuldades na comunicação; 2- Conhecimento dos surdos com relação à saúde; 3- Processo de inclusão social. A próxima seção, abordará embasamento teórico de alguns autores: Andreis-Witkoski (2013); Quadros (1997), Vieira (2014), dentre outros.

## **DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS SURDOS NA COMUNICAÇÃO SOCIAL COM PESSOAS OUVINTES**

Nota-se em nossa sociedade que os surdos enfrentam dificuldades na comunicação com pessoas ouvintes. Dessa maneira, a linguagem oral é privilegiada o que se torna inacessível aos filhos surdos resultando na exclusão deles das conversas e no seu isolamento familiar.

É importante mencionar, que para além do desconhecimento sobre o que é ser surdo presente no seio da maioria das famílias ouvintes ainda hoje, a situação envolve uma fonte de emoções conflituosas e contraditórias, entre as quais, a culpa, como se de fato houvesse diante do nascimento de um filho surdo (ANDREIS-WITKOSKI, 2013, p. 39).



Tal situação manifesta-se como um problema nas relações referidas. Nesse sentido:

Muitos ouvintes têm a crença de que está em um contexto de surdo é entrar em um contexto silencioso. Isso se dar porque a concepção de língua está, no ponto de vista dos ouvintes, culturalmente conjugada ao som, afinal, como me disse uma das ouvintes em conversa pessoal “os surdos falam com as mãos e as mãos não fazem barulho, não emitem som[...]” (GESSER, 2009, p. 47).

O citado autor destaca que o uso de sua primeira língua é fundamental para o surdo, pois sem ela, o mesmo torna-se impossibilitado do convívio social e que “o surdo não sobrevive se lhe for tirado o direito de usar sua língua primeira em seus ambientes de convívio social.” Gesser (2009, p. 47).

Para o referido autor no Brasil, torna-se possível ver mudanças nos discursos de alguns familiares, educadores e mesmo profissional da saúde. O autor afirma que o discurso médico tem muito mais força e prestígio do que o discurso da diversidade do reconhecimento linguístico e cultural das minorias surdas. Isto é, que o “normal” é ouvir, o que diverge desse padrão deve ser corrigido, “normalizado” (GESSER, 2009).

Segundo Vieira (2014, p. 37), na história da educação dos surdos, “a Libras demorou a conquistar espaço e durante o tempo em que a comunidade lutou em busca da aceitação de sua língua, a Língua Portuguesa lhe foi imposta como aquela gramaticalmente aprendida”.

Para Bakhtin (2009), citado por Vieira (2014, p. 37), a prática viva da língua constitui o sujeito e faz com que este se comunique sem notar as regras linguísticas que incorporou de forma que:

a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística. [...] É por isso que os membros de uma comunidade linguística, normalmente, não percebem nunca o caráter coercitivo das normas linguísticas.

Segundo Vieira (2014), decorre desta visão a defesa da necessidade de que as crianças e os jovens surdos estejam imersos no fluxo discursivo em libras desde tenra idade, de forma a desenvolverem e se apropriarem desta língua.



Tal situação, no entanto, apesar dos avanços, parece ainda não ter uma realidade efetivada, pois pesquisas na área de saúde revelam que os surdos, em sua maioria, não compreendem as informações e não há comunicação estabelecida com compreensão, apenas transmissão unilateral do que o outro interlocutor tenta expressar e que dentre as consequências advindas da dificuldade de comunicação e compreensão das informações, pacientes surdos retardam a procura por atendimento médico, evitando atenção primária, com a maioria das consultas realizadas em hospitais ou em cidades vizinhas e maior prevalência de internação hospitalar em relação aos ouvintes (VIEIRA, 2014).

Compreende-se que a comunidade surda corresponde a minoria linguística e cultural e que sofre com a falta de comunicação em grande parte dos serviços utilizados, inclusive, nos serviços públicos, procura-se detectar no presente trabalho como se configura a dependência do surdo em administrar medicamentos no cotidiano, quais são as dificuldades encontradas e suas estratégias de solução.

A próxima seção, reflete sobre os principais aspectos levantados durante a realização da pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Participaram desta pesquisa de campo, três alunas de Ensino fundamental com deficiência auditiva, residentes de uma cidade do interior do Maranhão, e três estudantes da Universidade Federal do Piauí.

Tal questionário, abordavam questionamentos acerca das dificuldades de compra e administração de medicamentos, o papel que a família assume nessa situação e sugestões para a melhoria da vida social do surdo, dentre outras.

De acordo com o trabalho realizado define-se as seguintes categorias: 1- Dificuldades na comunicação; 2- Conhecimento dos surdos com relação à saúde; 3- Processo de inclusão social.

### **Dificuldades na comunicação**

A pesquisa revela que os profissionais farmacêuticos não têm conhecimento da língua de sinais. Essa dificuldade constrói uma barreira entre o cliente surdo e o



profissional, havendo a necessidade da intervenção da família ou amigos ouvintes na comunicação, para adquirir os medicamentos.

Ao perguntar às alunas surdas maranhenses a respeito do que fazer na hora de comprar medicamentos, obteve-se as seguintes respostas:

*Muitas vezes eu compro o medicamento com ajuda do meu pai, e outros eu apenas mostro a receita. ( Aluna 1 e 2 do turno da manhã)*

*Só compro com a ajuda da minha mãe. ( Aluna 3 do turno da tarde)*

Com relação aos universitários, a resposta à mesma pergunta, não foi muito diferente.

*Só mostrar o papel do remédio. ( Universitário 1)*

*Eu procuro a minha família ou amigo para ir comigo. ( Universitário 2)*

Percebe-se com essas respostas que a dificuldade de comunicação surdo x ouvinte, corresponde a um dos maiores desafios. Acredita-se que modificações em relação a se ter um intérprete de Libras nos estabelecimentos comerciais, torna-se menor essa dificuldade de comunicação e interação.

A comunicação é, sem dúvida, o eixo da vida do indivíduo, em todas as suas manifestações como ser social. É oportuno, pois, reconhecer a necessidade de novos estudos que sirvam de suporte a métodos educacionais e ofereçam à comunidade surda, melhores condições de exercerem seus direitos e deveres de cidadania. (FERNANDES, 2000, p. 49)

Outro ponto em destaque corresponde ao conhecimento dos surdos com relação à saúde.

### **Conhecimento dos surdos com relação à saúde.**

Tendo pouco conhecimento da língua portuguesa, a comunidade surda torna-se desprovida de conhecimentos fundamentais sobre saúde e doenças. A pesquisa evidencia uma condição de desvantagem para os surdos no que se refere a cuidados com a higiene,



prevenção de doenças, enfim, informações gerais sobre saúde. Sem esse conhecimento, eles tornam-se negligentes aos devidos cuidados. É o que mostra as respostas dadas pelos surdos sobre o medo de dizer que está doente:

*As vezes não digo que estou doente, porque podem me levar para o hospital tomar injeção. (Alunas do turno da manhã e tarde)*

Em contrapartida, os surdos universitários demonstram maior preocupação com a saúde, apesar da dificuldade em entender as informações em português e da dependência que possuem em relação à família.

*Normal (Universitário 1)*

*Não (Universitário 2)*

*Estou com medo está doente e precisa. (Universitário 3)*

Nota-se que, somado à falta de conhecimentos básicos sobre saúde, há também, uma certa ingenuidade nas respostas das surdas adolescentes. Em contrapartida, os surdos universitários demonstram maior preocupação com a saúde, apesar da dificuldade de se expressarem e entender as informações em português, e da dependência que possuem em relação à família. A citação a seguir refere-se as dificuldades de comunicação:

As dificuldades de comunicação podem se tornar uma barreira ao sucesso do atendimento. Muitas vezes, com grandes dificuldades, os surdos conseguem apenas descrever seus sintomas, caracterizados então como objeto da prática de saúde (BARBOSA, 2003, p.247-51).

Sobre as dificuldades de comunicação, estas acabam que se tornando barreiras para os surdos na obtenção de informações essenciais para as atividades do seu cotidiano.

### **Processo de inclusão social**

O trabalho revela como está a inclusão social dos surdos atualmente. Há ainda uma grande deficiência nas políticas públicas. E, por conta da falta de profissionais de Libras, e em alguns casos, da pouca capacitação dos que tem, os surdos sentem muita dificuldade



em aprender português, e principalmente, ter acesso aos mesmos direitos que os ouvintes. Em se tratando de sugestões dos surdos para a melhoria da acessibilidade aos medicamentos, algumas respostas foram obtidas:

*Precisa intérprete de Libras importante vai entender.(Universitário 1)*

*Mais atenção pessoa ter dificuldade de entender tudo.(Universitário 2)*

É notória a necessidade que a pessoa surda tem de “entender e ser entendida”. A Língua Brasileira de Sinais deve ser inserida de fato, na sociedade, sendo relevante não só para a pessoa surda, mas também para a pessoa ouvinte. Dessa forma, o surdo não se sentirá excluído da vida social. E as leis que sustentam a inclusão serão cumpridas, respeitando e valorizando a diversidade, proporcionando a todos, o desenvolvimento de suas capacidades.

A inclusão é possível e aumenta as possibilidades desse grupo, de estabelecer significativos laços de amizade, de desenvolverem-se físico e cognitivamente, e de serem membros ativos na construção de conhecimentos. Esses são muitos dos benefícios trazidos por um ambiente de inclusão social (BOTELHO, 2002).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo da história os surdos têm demonstrado a capacidade de desenvolverem meios comuns e próprios de acordo com suas possibilidades de convivência. Para confirmar tal capacidade citamos Ronice Müller Quadros (1997, p. 119) para quem “a voz dos surdos são suas mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam”. Para a citada autora:

as línguas de sinais envolvem movimentos que podem parecer sem sentido para muitos, mas que significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos. Pensar sobre a surdez significa requer penetrar no “mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos [...] (QUADROS, 1997, p. 119).





Destaca-se que durante a aplicação dos questionários (contendo 10 perguntas), para os seis (06) surdos, possibilitou a seguinte consideração final: necessário se faz que haja um envolvimento maior da família, das autoridades políticas e da sociedade na busca por soluções para a melhoria da convivência da pessoa surda com os ouvintes, para que o surdo não se sinta excluído da vida social.

A língua brasileira de sinais (Libras), por lei foi reconhecida, e deve ser inserida na sociedade, sendo relevante não só para a pessoa surda, mas também para o ouvinte. Desta maneira, as leis que sustentam a inclusão serão cumpridas de fato, respeitando e valorizando a diversidade, proporcionando a todos o desenvolvimento de suas capacidades.

A análise do questionário que fora aplicado revelou que há total dependência desde a compra do produto a sua forma de utilização. A cada seis (06) surdos cinco (05) não gostam de ir à farmácia, tarefa que fica incumbida por familiares e amigos em realizar, assim como o de fazer todo o acompanhamento hospitalar. Isso leva a crer que é importante e primordial a família do surdo está atenta e disponível em aprender a comunicar-se com ele. Neste sentido, torna-se essencial a sensibilização da família com relação a aprendizagem da Libras e da sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ANDREIS-WITKOSKI, Sílvia. **Ser surda: história de uma vida para muitas vidas**. Curitiba: Juruá, 2013.

Automedicação é um hábito comum a 77% dos brasileiros. Disponível em <https://www.google.com/url>. Acesso em 29 de junho 2019. **CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA**. Disponível em <http://www.cff.org.br/noticia.php?id=5267>. Acesso em: 10. Setembro. 2019.

BARBOSA MA, Oliveira MA, Siqueira KM, Damas KCA, Prado MA. Linguagem Brasileira de Sinais-Um desafio para a assistência de enfermagem. **Rev. Enferm. UERJ** 2003; 11(3) 247-51

BOTELHO, Paula. **Linguagem e Letramento na Educação de Surdos: ideologias e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010.



FERNANDES, E. Língua de sinais e desenvolvimento cognitivo da criança surda. In: **Revista Espaço**. Rio de Janeiro: INES, 2000, p. 49

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

QUADROS, Ronice Müller. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

VIEIRA, Cládia Regina. **Biliguísmo e inclusão: problematizando a questão**. Curitiba: Appris, 2014.